

Docência masculina na Educação Infantil: percepções de pedagogos egressos do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas

Male teaching in Early Childhood Education: perceptions of educators who graduated from the Pedagogy Degree course at the Federal University of Amazonas

Márcio de Oliveira ¹

Marinês Viana de Souza ²

Jefferson Araújo do Nascimento ³

Resumo: É perceptível que o corpo docente da Educação Infantil, no Brasil, é composto – em sua maioria – por profissionais do gênero feminino. A partir dessa premissa, o presente trabalho tem por objetivo identificar e analisar os desafios e as possibilidades encontradas pelos egressos do gênero masculino do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em sua inserção no campo profissional em relação à docência na Educação Infantil. Para atingir os objetivos propostos, buscamos utilizar a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e de campo, de caráter exploratório e de cunho qualitativo. Ela contou com uma amostra de doze alunos egressos, na qual se observou o reconhecimento do papel dos homens na Educação Infantil por parte dos mesmos, porém, devido à falta de oportunidades, com forte predomínio do preconceito, a atuação profissional de homens nessa etapa tem sido mínima. Mesmo não havendo leis específicas que garantam que apenas mulheres tenham prioridade em lecionar na Educação Infantil, nos processos seletivos observa-se a preferência por elas. Portanto, as percepções dos egressos do curso de Pedagogia convergem para o fato de que eles tiveram dificuldade na inserção no campo profissional, fazendo com que muitos nem tentem atuar, em função da cultura construída, que mescla preconceito e desconfiança e reforça a naturalização do papel profissional feminino nessa etapa da Educação Básica.

Palavras-chave: Docência; Educação Infantil; Gênero; Pedagogia.

Abstract: It is noticeable that the teaching staff of Early Childhood Education in Brazil is composed - mostly - by female professionals. Based on this premise, the present manuscript aims to identify and analyze the challenges and possibilities encountered by male graduates of the Pedagogy Degree course at the Federal University of Amazonas (FUA) in their insertion in the professional field in relation to teaching in Early Childhood Education. In order to achieve the proposed objectives, we seek to use bibliographic research, documentary and field research, of an exploratory and qualitative nature. It had a sample of twelve alumni, in which they recognized the role of men in Early Childhood

judice, the professional that guarantee that only women have priority in teaching in Early Childhood Education, in the selection processes there is a preference for them. Therefore, the perceptions of the graduates of the Pedagogy course converge to the fact that they had difficulty in entering the professional field, making many not even try to act, due to the built culture, which mixes prejudice, distrust and reinforces the naturalization of the role female professional in this stage of Basic Education.

Keywords: Teaching; Child Education; Gender; Pedagogy.

1 Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Contato eletrônico: marcio.1808@hotmail.com

2 Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutorado em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

3 Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Introdução

O presente artigo apresenta os resultados alcançados por meio de uma pesquisa desenvolvida dentro das ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC)⁴ na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), no período de agosto de 2018 a julho de 2019. O interesse pelo tema surgiu com a observação de um anúncio de estágio no quadro de avisos da Faculdade de Educação (FACED). Como estudante de Pedagogia, um dos autores desta pesquisa pensou ser uma oportunidade para começar a adquirir conhecimentos e experiência na área da docência. No entanto, logo a empolgação acabou, quando se notou que havia uma observação indicando a palavra “estagiária”. Observou-se que alguém escreveu no cartaz o seguinte questionamento: Por que não estagiário? Usando essa experiência como pano de fundo, resolvemos buscar compreender o que leva algumas instituições a preferirem as mulheres para atuarem na área da docência da Educação Infantil. Isso nos intrigou a pesquisar sobre os desafios da participação masculina nessa etapa da Educação.

Pesquisas dessa natureza, oriundas de diferentes regiões do Brasil podem ser observadas, tais como: Carvalho (2015), Castro (2014), Monteiro (2014), Silva (2014a), Silva (2014b); Moreno (2017); Sayão (2005); Gomides (2014); Ferreira (2008); Nunes (2013); Souza (2011) e Lima (2013), que, dentre outras, têm fomentado inúmeros estudos. Contudo, não se observaram pesquisas relacionadas no Amazonas, aspecto que se somou às motivações inicialmente postas. Vale destacar os estudos de Silva (2014a, p. 182-183) quando expressa que os espaços da Educação Infantil são constituídos “[...] por adultas, mulheres ocupando funções diversas, como: merendeiras, serviços-gerais, zeladoria, direção, coordenação, docência”, o autor continua escrevendo que, sendo assim, “[...] a docência acaba sendo um espaço repletamente feminino onde a relação estabelecida com as crianças pequenas vem de uma determinada e naturalizada cultura feminina”.

Assim, consideramos relevante anunciar a importância de pesquisas dessa natureza, por observar o pequeno número de docentes atuando nessa etapa de ensino no Brasil e em Manaus/AM. Embora se observe que a procura pelo curso de Pedagogia por homens aumentou no decorrer dos anos, a quantidade ainda é pequena em relação às mulheres, aspecto que se observa no curso de Pedagogia da FACED-UFAM. Nesse sentido, buscou-se fazer uma reflexão crítica que possa contribuir com a produção de conhecimento na área e também com sua problematização, visando diminuir preconceitos e discriminações em torno da docência masculina na Educação Infantil.

Temos como objetivo conhecer e compreender os desafios e as possibilidades encontradas por pedagogos do gênero masculino egressos do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da UFAM em sua inserção no campo profissional em relação à docência na Educação Infantil. E, para atingir ao proposto, utilizamos a pesquisa bibliográfica, documental (por meio da análise dos dados do Censo Escolar da Educação Básica) e de campo, de caráter exploratório e qualitativo, que envolveu a coleta de dados por meio da aplicação de um questionário a 12 (doze) pedagogos homens egressos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFAM.

Dessa forma, o presente artigo está dividido em duas seções: a primeira discorrerá sobre alguns apontamentos teóricos sobre a docência masculina na Educação Infantil; e a segunda discutirá os dados da pesquisa de campo com pedagogos egressos do curso de Pedagogia da FACED/UFAM.

4 A pesquisa foi aprovada pelo CEP/UFAM - CAAE: 88677118.6.0000.5020 / Número do Parecer de aprovação: 2.868.551.

Alguns apontamentos teóricos sobre a docência masculina na Educação Infantil

Antes de adentrarmos ao tema principal deste trabalho, é válido expor o que pensamos sobre gênero, haja vista essa categoria ter sido mencionada. Além disso, ainda será por inúmeras vezes no decorrer da construção deste trabalho. De forma breve, pautamos nossas discussões na percepção de Meyer (2010, p. 18), para quem o conceito de gênero propõe uma aproximação de uma abordagem que considera que “[...] as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino”, de modo que também implicam em sua produção, manutenção ou ressignificação.

Destarte, aqui gênero é compreendido como uma categoria que nos faz pensar em comportamentos femininos e masculinos, comportamentos esses que são arquitetados no meio social, cultural, político, histórico. Logo, as maneiras de ser/tornar masculino e feminino são aspectos de gênero. E esse pensamento deve ser considerado, de modo que não podemos pensar que essa categoria é unicamente biologicista, pois, se pensarmos dessa maneira, os preconceitos e as violências tendem a aumentar, sobretudo em relação à identidade de gênero, portanto, é necessário desconstruir a oposição binária acerca da categoria gênero, a fim de pensar as identidades a partir de várias possibilidades, a exemplo do contexto social (POOVEY, 1988).

Oliveira, Peixoto e Maio (2018, p. 31) asseveram que “[...] mais do que estabelecer que gênero diz respeito ao masculino e ao feminino, é basilar destacar que esse termo se refere às relações, ao produto dessas relações, aos atravessamentos que surgem a partir de suas construções”, os autores e a autora continuam afirmando que “[...] masculino e feminino são pontos de partida para uma discussão que vai muito além, perpassando pelo ‘produto’ gerado por meio das relações humanas”.

A atuação profissional de homens na Educação Infantil, em creches ou pré-escolas no Brasil é pequena, e alguns/algumas autores/as (GOMIDES, 2014; FERREIRA, 2008; SAYÃO, 2005) avaliam criticamente a pequena representatividade masculina na docência nessa etapa da Educação Básica. Os/As mesmos/as atribuem esse dado à dinâmica cultural, que confere à presença feminina no magistério um espaço de legitimidade quase que “natural”, em função do que se convencionou chamar de “essência maternal”. Inferimos que há um componente de preconceito que alimenta essa situação e que reforça os papéis sociais de que, para trabalhar com crianças, o homem não tem o cuidado materno que a mulher tem por sua “sua natureza” feminina. Portanto, um aspecto cultural está ligado a esse tipo de distinção, por não darem as mesmas oportunidades de atuação na Educação Infantil aos docentes, já que o mundo está em constante mudança e que essas barreiras de gênero precisam ser problematizadas e deixadas de lado.

Gomides (2014) aborda a docência masculina na Educação Infantil pela ótica desterritorializante da hegemonia da presença feminina nessa etapa e das tensões decorrentes do processo socialmente construídos dos papéis de homens e mulheres nesse campo profissional. Nas palavras do estudioso:

Quando homens, mulheres e crianças têm que transitar nessa fronteira criada a partir da inserção da figura masculina nesse ambiente escolar, eles colocam em questão a dificuldade tanto de romper com o já estabelecido e naturalizado, quanto o incômodo inventivo que é o de lidar com uma expressão nova de masculinidade, atravessada em intensidades femininas (GOMIDES, 2014, p. 68).

Esse “incômodo inventivo” destacado pelo autor pode ser refletido pela ideia social de que o trabalho com as crianças é algo voltado à mulher, sobretudo pelo seu aspecto da “maternagem”. Sendo assim, o que foge a essa regra é visto com estranhamento e, muitas vezes, com julgamento e despreparo.

Dessa forma, acreditamos que essa situação se dá, muitas vezes, por preconceito em relação ao fazer pedagógico masculino.

A visão de abertura para equidade de gênero na docência infantil já fora discutida por vários/as autores/as, a exemplo de Sayão (2005) e Silva (2015), que evidenciam o estigma criado pela sociedade, mas principalmente nas escolas, os quais contribuem para a reflexão. Nas palavras de Sayão (2002, p. 2), por exemplo, o trabalho docente “[...] em grande parte das culturas, uma atribuição do universo feminino carregando, assim, as marcas culturais da maternagem, ou seja, as marcas culturais do feminino”. Essa realidade pode ser atribuída, então, ao preconceito que reitera a cultura de que para cuidar/educar/ensinar crianças o homem não detém o cuidado materno que a mulher “naturalmente” possui, o que tem fomentado também discussões no meio acadêmico.

Nesse contexto, Louro (1998) provoca a reflexão sobre a escola, que, embora represente um lugar de formação de meninos e meninas, corresponde a um espaço “genericado”, com predomínio do feminino. A autora destaca que a escola é “[...] um *locus* privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres, ela própria, um espaço genericado, isto é, um espaço atravessado pelas representações de gênero” (LOURO, 1998, p. 77).

Contudo, pode-se dizer que nem sempre foi assim. Araújo e Hammes (2012) citam os estudos de Ferreira (2008) em que analisa que as mulheres só vieram obter essa prioridade de atuação na Educação no Brasil a partir de meados do século XVIII, já que antes essa profissão era dominada por homens, e “[...] o magistério era de fato, uma profissão de homem e para homem” (FERREIRA, 2008 *apud* ARAÚJO e HAMMES, 2012, p. 7) e apenas a partir do século XVIII é que eles deixam de exercer a hegemonia na função de educadores, atraídos por outras profissões, o que possibilitou que elas tomassem à frente.

Faria (s/d, p. 3) é outro autor citado por Araújo e Hammes (2012, p. 7), que também analisa essa questão, sob ponto de vista histórico:

Tendo em vista que, uma vez que as mulheres não podiam frequentar a escola, elas não recebiam formação para se tornarem professoras, mas como os homens foram atraídos em meados do século XVIII por outras profissões, e em meio a muitas mudanças sociais as mulheres chegaram a escola, primeiro como alunas e depois como professoras.

Fica perceptível, então, que até meados do século XVIII as mulheres sofriam uma dupla discriminação: a não participação nos bancos escolares como alunas; e o não acesso às cadeiras docentes como professoras. Essa realidade mudou apenas quando os homens foram chamados a novos postos de trabalho e houve um “esvaziamento” por parte deles na ocupação docente. Rabelo (2018, p. 149) completa e descreve essa mudança quando expõe que as Escolas Normais inicialmente eram instituições unicamente masculinas, desprovidas de prestígio, sobretudo porque não havia a exigência de formação para lecionar; quando “[...] a Escola Normal passa a ser aberta para as mulheres, mesmo com muita luta feminina e também com muita resistência contra a sua entrada, em pouco tempo as mulheres ultrapassam os homens em número de discentes”. A autora ainda destaca que muitas ações contribuíram para a feminização da docência, a exemplo da defesa “[...] das ‘qualidades femininas’ para a docência; a abertura de mais escolas normais femininas do que cursos secundários acessíveis às mulheres; o baixo salário que, associado com a necessidade de formação, torna outras áreas melhores para os homens” (RABELO, 2018, p. 149).

Rabelo (2012, p. 38) ainda descreve que a institucionalização das escolas de formação de docentes foi um passo fundamental para a “[...] feminização do magistério e para o afastamento dos homens da

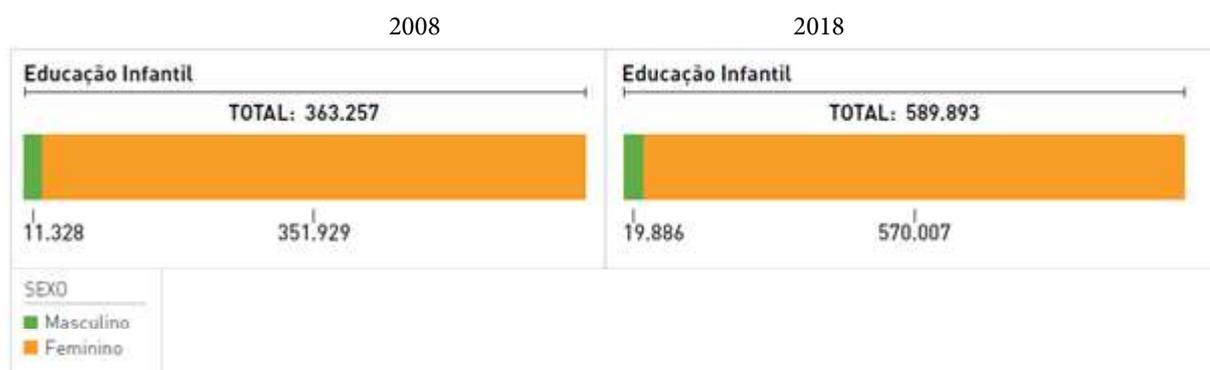
docência. No entanto, a feminização nas Escolas Normais não se dá junto com a desvalorização docente, ao contrário, acontece ligada a uma certa valorização”, tanto no que diz respeito ao salário como aos aspectos ligados à institucionalização/operacionalização dessa formação.

Mais atualmente, em se tratando de normas oficiais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº. 9.394/96) não restringe às mulheres a ocupação docente infantil, sendo, somente obrigatório ter a formação específica “[...] em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação” (BRASIL, 1996, art. 62). Vale destacar que outros documentos de orientação voltados para a Educação Infantil – a exemplo do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) – também não fazem restrição à atuação masculina, mas, segundo Silva (2015), os mesmos não problematizam as questões de gênero na Educação da criança pequena, embora já se observe um crescimento na produção acadêmica sobre essa temática. Esse mesmo autor destaca como positivo o fato da existência do recorte de gênero nos dados do Censo da Educação Básica, cujas sinopses são disponibilizadas pelo INEP. Por meio delas é possível se fazer uma reflexão sobre o percentual de homens que atuam na Educação Infantil, aspecto que consideramos um avanço, por evitar a invisibilidade de gênero nos dados oficiais e por contribuir para a problematização da questão. Ainda no campo das normativas, observa-se que as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Curso de Pedagogia no Brasil (BRASIL, 2006) estabelece que a base do curso é a docência, definindo a habilitação de seus/suas egressos/as para atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sem distinção de gênero.

Conforme dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2018 (INEP, 2019), no Brasil atuam 589.893 mil professores/as na Educação Infantil. Desse total, 96,62% são mulheres e 3,37% são homens. Em termos proporcionais, em Manaus-AM, esses dados se aproximam dos nacionais. O Censo Escolar da Educação Básica de 2018 indica que há 2.583 mil professores/as atuando nessa etapa em Manaus-AM, sendo que mais de 98% são mulheres e menos de 2% são homens (INEP, 2019).

Visivelmente o número de professores – tanto na escala nacional como na municipal – é bem pequeno em relação ao montante de professoras. Esses dados justificam a necessidade de políticas públicas operando a favor do engajamento de homens na docência da Educação Infantil. Se formos analisar a evolução desses dados no Brasil, embora se observe um pequeno crescimento no número de docentes que atuam nessa etapa nos anos de 2008 e 2018, aspecto que se deu também em função da própria expansão do acesso das crianças na Educação Infantil, o crescimento entre homens e mulheres cresceu de forma assimétrica.

Figura. Professores/as na Educação Infantil por gênero – 2008 e 2018.



Fonte: Anuário da Educação Básica, Todos pela Educação/Moderna (2019, p. 113).

No momento em que o homem assume um trabalho na Educação Infantil, surgem diversos pensamentos tanto por parte da gestão escolar quanto da comunidade, onde é colocada em jogo sua orientação sexual – um pensamento primitivo que não valoriza a sua formação e seu profissionalismo. Podemos citar a “[...] crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças” (SAYÃO, 2005, p. 16).

Para tentar amenizar esses desafios, é basilar um trabalho de conscientização para a comunidade compreender a relação de gênero na profissão dos docentes, já que a Educação Infantil é um campo de atuação onde podem ser desenvolvidos trabalhos tanto por mulheres quanto por homens; e que o ponto crucial não é só o cuidar, mas também o educar, ensinar. Sayão (2005, p. 16) deixa explícita a defesa dessa ideia:

Quando maior o envolvimento de homens na Educação Infantil, aumentará a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem de que esta etapa da educação básica é um trabalho apenas para mulheres alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e quem sabe melhorando, significativamente os salários e o *status* da carreira.

Defendemos, ainda, que é fundamental expor os trabalhos feitos por professores do gênero masculino, que muitas vezes são de excelência, para que ainda mais esse estigma social de que somente mulheres podem atuar na Educação Infantil seja deixado de lado e os homens possam aumentar ainda mais seu espaço nesse campo da docência. Além disso, é fundamental destacar que o que deve determinar o fazer pedagógico não é o gênero do/a professor/a, mas a sua capacidade em realizar as atividades escolares junto de seus/suas alunos/as, sempre pautados/as na cientificidade.

Com base nesse cenário teórico, a seguir vamos destacar alguns aspectos observados na pesquisa de campo, a qual foi realizada com pedagogos egressos do curso de Licenciatura em Pedagogia da FACED-UFAM. Esses dados caminham junto aos aspectos teóricos discutidos.

Os dados da pesquisa de campo com pedagogos egressos do Curso de Pedagogia da FACED-UFAM

Para conhecer as percepções dos pedagogos egressos do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, seus desafios e as possibilidades encontradas em sua inserção no campo profissional em relação à docência na Educação Infantil, foram aplicados questionários para 12 (doze) egressos do gênero masculino. Esses resultados serão aqui apresentados e analisados. No questionário foram inseridas, inicialmente, questões para traçar o perfil desses egressos. Alguns dados foram organizados em gráficos, que passamos a apresentar nos itens a seguir:

Dados Gerais sobre os sujeitos da Pesquisa

Acerca da faixa etária dos sujeitos da pesquisa, é possível observarmos uma variação interessante: cinco participantes estão na faixa etária entre 20 e 30 anos de idade; quatro participantes têm entre 31 e 40 anos; e três pedagogos têm acima dos 40 anos de idade. Observa-se que, embora haja mais egressos na faixa etária dos 20 a 30 anos de idade, a diferença entre as demais faixas é pequena, evidenciando que há uma diversidade nas idades entre os mesmos, sendo um público heterogêneo nesse aspecto.

Já em relação ao ano de ingresso e de conclusão do Curso de Pedagogia, observamos que a maioria dos egressos ingressou no Curso de Pedagogia entre os anos de 2011 a 2014 (07 egressos), aspecto que se justifica

pela proximidade com que se formaram e, por esse motivo, favoreceu o contato para o convite e para participar da pesquisa. No entanto, buscou-se a representatividade entre egressos que ingressaram no curso em anos anteriores, sendo que foi possível termos a representatividade de sujeitos que ingressaram no intervalo de anos de 2002 a 2005 (três pedagogos); 2006 a 2010 (dois participantes). Tal aspecto ajuda na análise da questão, para se verificar mudanças ou permanências em relação aos aspectos levantados na pesquisa.

Ainda é possível destacar que nove (09) dos egressos concluíram o Curso de Pedagogia entre 2016 a 2018, o que traz aspectos mais atuais das problemáticas enfrentadas. Contudo, não há, certamente, uma relação direta entre o ano de ingresso e conclusão, visto que alguns passam mais anos para concluir o curso. Observamos que a maioria dos egressos está inserida no mercado de trabalho, sendo em sua maioria no setor público (sete participantes); três dos entrevistados atuam no setor privado; um no setor público e no setor privado; e apenas um indicou não estar trabalhando.

Também foi inserido um item no questionário para se observar a natureza do trabalho que os mesmos desempenham, visando saber se os mesmos estão atuando ou não na área de formação, mais especificamente na área da docência na Educação Infantil. Nesse sentido, organizamos no gráfico 01 a informação sobre a função que exercem os 11 (onze) egressos que indicaram estar no mercado de trabalho. Para didatizar esse aspecto, organizamos um gráfico:

Gráfico 01. Atuação profissional – função.



Fonte: Resultados da Pesquisa.

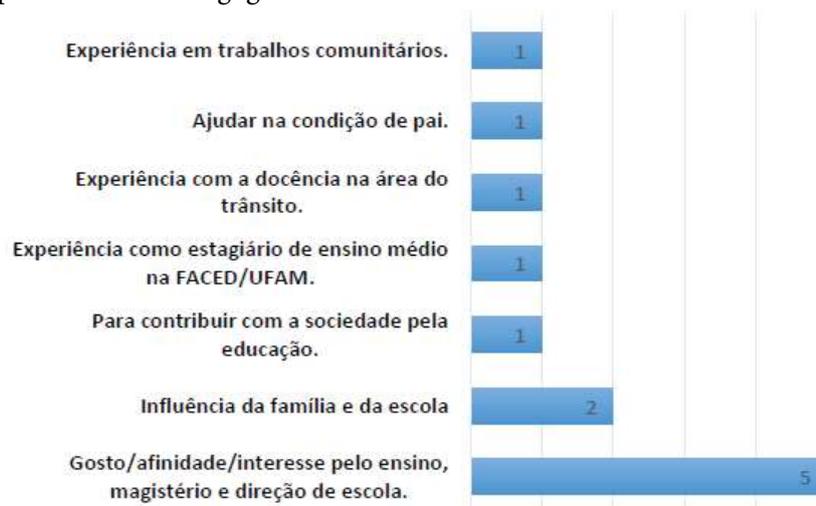
Observa-se que a maioria dos egressos exerce funções administrativas ou em outras áreas. Na área da docência, temos três (03) professores na escola pública, mas não na Educação Infantil. Um (01) egresso atua na coordenação pedagógica em uma escola privada que atende a Educação Infantil, o que indica que em escolas privadas é mais difícil a atuação de homens na docência com crianças pequenas, embora se observe que na área da gestão escolar existe maior abertura, mesmo que esse também seja um setor majoritariamente ocupado por mulheres.

Sobre esse aspecto, Rabelo (2008, p. 11) especifica que “[...] o controle em geral sempre esteve nas mãos dos homens, ou seja, eles estiveram de forma mais representativa por muito tempo nos órgãos de administração e gestão de todas as áreas, inclusive na educacional”. Nessa mesma direção, a autora ainda

especifica que prevalece a presença de homens nos cargos de gestão. Isso pode ser percebido “[...] inclusive na maior concentração proporcional dos professores do sexo masculino que conseguem atingir os postos de comandos na educação” (RABELO, 2008, p. 481), demonstrando que os homens têm facilidade de progredir na carreira tanto para não ficar em sala de aula, como para assumir posições de comando.

Junto a esses aspectos gerais, buscamos, também, conhecer as motivações que levaram os egressos a escolherem cursar Pedagogia. As respostas a esse item foram categorizadas a partir das respostas dadas pelos sujeitos e organizadas no gráfico 02.

Gráfico 02. Escolha pelo curso de Pedagogia.



Fonte: Resultados da Pesquisa.

Foram observadas nas respostas dos egressos justificativas que indicam gosto, afinidade e interesse pelo ensino, magistério e direção de escola (05 egressos) ou tiveram motivação para a escolha por influência da escola e da família (02 egressos), estando a questão de gosto/afinidade/interesse presente na maioria das respostas. Essa realidade também foi percebida por Rabelo (2008, p. 21) quando mostrou que a maioria dos professores informou sobre a escolha pela profissão docente ter ocorrido por influência de “[...] gosto/interesse/amor”, além de características ligadas a aspectos de “[...] competência, profissionalismo, dedicação e comprometimento”.

Outro aspecto observado é a influência obtida por meio da experiência no estágio na própria FAGED-UFAM (01 egresso), o que também pode ser associado ao item influência da família e da escola. Um (01) egresso informou que a escolha se deu para contribuir com a sociedade pela Educação, já com o indicativo de uma atuação profissional futura. Esse aspecto também se associa à resposta dada por outro egresso, que justificou sua escolha em função das experiências em trabalhos comunitários, o que de certa forma se relaciona ao fator social. Observa-se, ainda, que as experiências no campo do trabalho também são motivadoras das escolhas pelo curso, como se observa na resposta de um (01) egresso relacionado à sua experiência na docência na área do trânsito. Esse aspecto revela o lado amplo do Curso de Pedagogia, pois, além da escola, há campos profissionais na Educação não escolar.

Inusitada foi a resposta relacionada à ajuda na condição de pai que um (01) egresso apresentou, pois social e culturalmente esses aspectos, em sua maioria, sempre estiveram atrelados à figura feminina,

o que precisa ser problematizado/discutido. Por outro lado, isto nos leva a concluir que ainda é forte a representação social do curso relacionada aos aspectos do cuidado. Respostas assim também se observam em outras áreas, como por exemplo: fazer Psicologia para entender melhor os/as filhos/as.

Experiência no Estágio Supervisionado na Educação Infantil

Considerando a temática da pesquisa estar relacionada à docência masculina na Educação Infantil, inserimos um item no questionário para verificar a percepção dos egressos em relação ao Estágio Supervisionado na Educação Infantil. Durante os estudos no Curso de Licenciatura em Pedagogia da FACED-UFAM, os mesmos estudaram disciplinas de caráter teórico-prático, relacionadas ao eixo formativo da área da Educação Infantil, sendo sua consolidação nas ações do estágio curricular obrigatória nessa etapa da Educação Básica.

As experiências foram sentidas de forma diferente pelos sujeitos, mas há pontos de convergência nos relatos. Considerando a riqueza das informações que os egressos trouxeram, resolvemos transcrever as falas dos mesmos na íntegra, organizando-as por aproximações, em categorias temáticas:

a) Experiências positivas, dificuldades e descobertas

O caráter positivo da experiência no estágio na Educação Infantil foi destacado na fala de todos os egressos, embora se observe que, além do caráter positivo, alguns trouxeram pontos diferenciados, que também indicam dificuldades e descobertas no estágio supervisionado em Educação Infantil. Os relatos dos egressos 02, 06, 08, 09 e 10 revelam que a realização do estágio foi um momento positivo e apontam o processo de organização dessa atividade curricular para a inclusão dos sujeitos nas escolas, com formação teórico-prática e orientação cuidadosa dos/as professores/as orientadores/as de estágio no contexto do curso na FACED. Conforme relatos a experiência:

Foi maravilhosa, gratificante e muito enriquecedora! Uma experiência incrível com muitos desafios e aprendizagens que guardarei pra sempre nas lembranças! (Egresso 02).

Maravilhosa e essencial. Maravilhosa no sentido de fazer com que possamos sentir o gostinho daquilo que almejamos. É o início da realização de um sonho. E essencial porque faz com que tenhamos contato com as crianças, o que possibilita a observação na prática de tudo aquilo que estudamos durante o curso. Podemos ver na prática o que os teóricos dizem em seus textos, as concepções e teorias que muito lemos, podendo analisar e perceber como poderíamos agir e qual teoria ou aprendizado aplicar. Posso afirmar com toda a certeza que é nesse momento do Estágio que o aluno do Curso de Pedagogia se sente verdadeiramente professor. (Egresso 06).

Foi uma experiência única, em que, no nosso caso, foi possibilitado aplicar nosso conhecimento, atuando na observação, na docência e na intervenção, assim possibilitando construir nossa própria experiência (Egresso 08).

Minha experiência foi muito boa. Acredito por causa de os funcionários da escola já me conhecerem e conhecer também o trabalho da UFAM por meio do PIBID. Não tive nenhum problema nem preconceitos. Fui inserido em todas as atividades (Egresso 09).

Foi a melhor experiência que tive dentre os três estágios. A professora orientadora nos acompanhou em todo o processo, nos dando muito suporte teórico, além de nos agradecer com a sua vasta experiência (Egresso 10).

Mescladas ao reconhecimento dos aspectos positivos que a experiência nesse estágio proporcionou, alguns docentes também indicaram algumas dificuldades, como a percepção do preconceito, a falta de autonomia para realizar o trabalho em uma escola, questões pedagógicas das docentes dentre outros

aspectos. Os relatos a seguir apresentam a percepção dos egressos 01, 03, 04, 07 e 12 em relação à experiência no estágio em Educação Infantil:

Com as crianças foi incrível, pois conseguíamos ter uma relação de troca de experiências, porém, a professora da turma em que fiquei – ao meu ver – não cumpria o dever de uma professora de Ed. Infantil, como trabalhar de forma lúdica, de saber que o foco é o aluno e não o professor e, principalmente, a grosseria com que tratava os alunos. Isso me fez ter essa conclusão sobre a professora (Egresso 01).

A experiência foi impactante, querendo ou não, é um choque de realidade. Evidenciamos muitas práticas errôneas pelos docentes (Egresso 03).

Foi muito rica, apesar do preconceito ser gigantesco com professores homens nas salas de educação infantil e CMEIs. Pude aprender bastante com a titular da turma nessa sala de escola pública (foi omitido o nome da escola). Pude conhecer a realidade e saber o que eu enfrentaria a partir da escolha que havia feito pela escola e pela educação. Hoje, se tenho dificuldades, são poucas e, em minha atuação pedagógica como coordenador de uma creche, escola que tem como maioria do público creche e pré-escola, supero meus desafios, pois tive boa base teórica e prática. Gostaria de dizer que enquanto professoras do (foi omitido o nome da escola) demonstravam preconceito. Laura (nome fictício) não tinha e me deixou reger a sala por muitos momentos (Egresso 04).

Foi muito bom. Estagiei em uma escola que me possibilitou atuar como professor sem qualquer tipo de problemas. Vale ressaltar que fiz 02 (duas) vezes esse estágio, sendo que na primeira vez eu desisti. E, nessa escola em que comecei pela primeira vez, não me davam liberdade de atuar (Egresso 07).

Foi traumatizante. Vi com meus olhos uma realidade muito diferente do mundo teórico, mas fui bem orientado e deu tudo certo (Egresso 12).

Os relatos dos egressos 01 e 03 deixam em evidência problemas pedagógicos observados nas práticas das professoras regentes das turmas em que estagiaram. Tal aspecto sugere que as dificuldades podem ser observadas tanto na atuação de mulheres quanto na de homens, sendo que o gênero não define, de fato, o profissionalismo para atuar nessa etapa da Educação.

Os relatos dos egressos 05 e 11 indicam que o estágio também representou um momento para o acadêmico refletir sobre suas escolhas profissionais e avaliar seu perfil profissional para atuar na Educação Infantil. Esses egressos tiveram experiências diferentes, em que o egresso 05 avaliou de forma positiva enquanto o egresso 11 avaliou como negativa. Contudo, embora com percepções diferentes, os dois convergem para o fato de que foi nesse estágio que puderam avaliar o seu perfil para atuar na etapa. Nesse sentido, o estágio também se configurou para eles um momento de descoberta, conforme se observa em seus relatos:

Não foi o primeiro contato com as crianças da Educação Infantil, pois as disciplinas iniciais já haviam potencializados algumas vivências nessa etapa de ensino. Mas a experiência de estágio foi diferente. Trouxe um outro olhar para minha formação. Embora eu tivesse gostado muito, nessa fase eu percebi que não possuía perfil para atuar na educação infantil (Egresso 05).

Frustrante, pois no estágio presenciei as dificuldades encontradas pela escola, como a falta de estrutura adequada, de apoio da comunidade escolar e de melhor formação dos professores para atuar na área. E percebi que minhas competências para atuar na Educação Infantil eram muito limitadas (Egresso 11).

Conforme relato dos egressos, pudemos notar que a maioria teve boas experiências durante o estágio. A metodologia da professora regente da turma foi apontada como problema na escola onde foi realizado o estágio. Era diferente das estudadas na universidade, sem ludicidade e sem articulação entre teoria e prática. Tal aspecto mostra a realidade de algumas escolas de Educação Infantil, que impossibilitam muitas vezes de serem feitas as práticas que estudam durante o curso. Mesmo com as dificuldades apresentadas, os relatos mostram que a maioria considerou positiva a experiência do estágio.

Entre aspectos positivos, preconceitos evidenciados e desafios vivenciados no estágio supervisionado, defendemos, baseados/as em Silva (2014b, p. 49), que esse momento pode e deve servir como uma prática “[...] para se refletir na desconstrução de que esse espaço é feminino e que a presença de um homem [na escola] é ameaçadora”. Assim, para além da aprendizagem sobre formas de ensino, organização do currículo e das aulas, estratégias para se alcançar a aprendizagem dos/as alunos/as, o estágio e as ações escolares devem desconstruir o imaginário de que a Educação Infantil é um espaço para um único gênero de docentes: o feminino.

Experiência na docência na Educação Infantil

Embora o item que tratou sobre a função que os egressos exercem no campo profissional já tenha apresentado elementos para discussão sobre esse aspecto, inserimos essa questão para verificar se em algum momento os mesmos tiveram experiência na docência na Educação Infantil. Mesmo que os sujeitos não estejam atuando na atualidade, não significa que não tenham tido essa experiência profissionalmente em algum momento e, assim, possam compartilhar em seus relatos. Foi constatado na pesquisa que, fora do estágio supervisionado, a maioria dos egressos (08) não atuaram na Educação Infantil. Portanto, apenas quatro (04) docentes já atuaram em algum momento nessa etapa. A questão que segue servirá para obter mais informações acerca dessa atuação.

Essa pouca experiência de docentes masculinos na Educação Infantil pode estar ligada ao preconceito existente em relação aos homens atuarem nessa etapa da Educação Básica. Em suas pesquisas, Sayão (2005, p. 16) expõe que são evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão de professores/as de crianças pequenas “[...] como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas”; a autora continua afirmando que, historicamente, “[...] os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos”.

Dificuldades na atuação como docente na Educação Infantil

Para aqueles que responderam que já tiveram experiência na docência na Educação Infantil, que na pesquisa foram 04 (quatro), perguntamos se os mesmos tiveram alguma dificuldade em sua atuação. As respostas foram organizadas em três blocos. O primeiro está relacionado aos problemas de ordem metodológica. Dois (02) egressos indicaram essa questão, que está relacionada ao “como trabalhar”, sendo de natureza didático-pedagógica. Cabe citar que tal aspecto não é exclusividade dos professores, mas também se observam em professoras as dificuldades nessa área. Tal aspecto também foi detectado no processo do estágio em Educação Infantil quando os egressos observaram as práticas que eram desenvolvidas pelas professoras nas escolas dos estágios, conforme já mencionado.

Um (01) egresso informou dificuldade no contato com as crianças, o que revela a falta de familiaridade e experiência na docência com crianças nessa faixa etária. Muitas vezes a dificuldade nesse campo do contato é motivada por receio de julgamentos externos. Esse mesmo egresso informou que também sentiu dificuldade com o lúdico. Do ponto de vista teórico, o mesmo reconhece que a ludicidade é um dos pilares da Educação Infantil, embora apresente dificuldade nessa área. Podemos também associar essa dificuldade com a ludicidade aos aspectos metodológicos do “como trabalhar”, acima indicados.

Outro egresso informou que teve dificuldade inicial de aceitação dos pais e preconceito, conforme relato transcrito:

Atualmente sou Coordenador Pedagógico da (...), que trabalha com creche, pré-escola e anos iniciais. Ingressei nessa escola em 2017 e sim, mesmo como coordenador, já assumi as salas, especialmente em intervenções didáticas. No início eu tive dificuldades com os pais, pois estava atuando como docente em substituição a uma profissional do sexo feminino e ainda hoje o preconceito é evidente, (...) mas com muito diálogo, profissionalismo, segurança e afeto consegui conquistar a comunidade escolar e, duas semanas depois, eu já havia sido convidado para ser coordenador da escola (...) Assim, acredito que precisamos melhorar muito, mas as dificuldades foram superadas no que tange a preconceito (Egresso 04).

O relato deste egresso revela que o preconceito ainda é latente em relação à presença masculina na Educação Infantil, mas também indica que é possível superar essas barreiras com profissionalismo e diálogo, embora não se negue que é um campo repleto de conflitos e que as experiências exitosas ainda sejam pequenas.

Monteiro e Altmann (2014, p. 733) – por meio de entrevistas aplicadas a, também, docentes homens – explicitaram que para eles, optar por uma carreira “[...] considerada socialmente como ‘feminina’ se mostrou como um ‘sinal’ de ‘atravessamento de fronteiras’ e, por isso, sua orientação sexual foi questionada já nos cursos de formação inicial e em suas trajetórias docentes”. Portanto, o preconceito em relação aos homens na Educação Infantil ainda é uma constante nas relações estabelecidas nas instituições de ensino.

Motivos para não atuação como docente na Educação Infantil

Os oito (08) egressos que nunca atuaram na docência na Educação Infantil, fora do estágio supervisionado responderam que os motivos se relacionam aos itens dispostos no gráfico 03.

Gráfico 03. Motivos para não atuação na educação infantil.



Fonte: Resultados da Pesquisa.

Foi observado na pesquisa que o maior motivo de não terem atuado na Educação Infantil foi por falta de oportunidade (04 egressos). 02 (dois) responderam que não se enxergam atuando nessa etapa, embora um deles tenha afirmado que, após a experiência no estágio supervisionado, essa visão tenha mudado.

Não atuei por não me enxergar dentro da Educação Infantil, mas confesso que minha visão mudou. Pude trabalhar com turmas de Estágio em Educação Infantil e desenvolvemos trabalhos maravilhosos, o que fez com que essa ideia mudasse (Egresso 10).

A questão da falta de espaço e do preconceito apareceu na resposta de um egresso, o qual informou em seu relato que atualmente atua no Ensino Fundamental I e não prestou concurso para a área da Educação Infantil “[...] *pela falta de espaço. Há um preconceito e uma barreira muito grande nesse segmento para professores do sexo masculino. Não há aceitação dos pais por vários motivos*” (Egresso 07).

Um egresso relata que a desmotivação se deu ainda quando era estudante de Pedagogia, por ter ouvido de um docente do curso que lugar de homem não é na Educação Infantil por não ser “ético”. Esse tipo de comentário, além de desmotivador, revela que deve haver uma reflexão no próprio curso de Pedagogia, que, por não restringir suas vagas apenas às mulheres, não deveria fomentar esse tipo de comentário. Isto se diz pois, se na formação inicial, que deveria ser o espaço de combate às práticas preconceituosas, tais são percebidas, como querer que haja interesse em atuar nessa área?

É curioso que as categorias aqui analisadas, em sua maioria, direcionam-se a queixas sobre preconceito de homens atuando na Educação Infantil. Monteiro e Altmann (2014, p. 739) evidenciam que, além dos desafios intrínsecos “[...] à docência na educação infantil, no caso dos homens professores ocorrem dificuldades relacionadas a noções hegemônicas de masculinidade que se mostraram incompatíveis com o trabalho pedagógico nessa etapa da escolarização”. Disso, destoa que as questões presentes nas trajetórias dos docentes homens “[...] revelam quão polarizadas se mostram as noções de feminino/masculino em nossa sociedade e a necessária perspectiva relacional para compreender as relações de gênero na profissão docente”. Com base no exposto, é primordial que as relações de gênero sejam discutidas cientificamente e de forma ampla na sociedade e que tais preconceitos sejam extintos.

Dificuldades de inserção no campo profissional como docente na Educação Infantil

Gráfico 04. Dificuldade de inserção no campo profissional.



Fonte: Resultados da Pesquisa.

Além das dificuldades na atuação profissional daqueles que tiveram ou têm experiência na Educação Infantil, esse item visa identificar se houve dificuldade de inserção no campo profissional na Educação Infantil. Observa-se que 04 (quatro) dos egressos revelaram que tiveram dificuldade de inserção e

consideram que serem do gênero masculino foi a principal causa. O egresso 06 comenta esse item trazendo a questão das famílias e a forma como enxergam o trabalho de homens e mulheres nessa área:

Com certeza. Ainda existe muito preconceito quanto à figura masculina reger uma sala de aula com crianças. Muitos pais ainda acham que o homem é mais suscetível ao erro (seja de qualquer natureza), e que a “professora” é a figura que ensinará seus filhos com segurança ou mesmo com mais afeto, esquecendo ou deixando de lado a capacidade de ensinar ou compartilhar saberes que o educador masculino também tem (Egresso 06).

O egresso 02, por exemplo, relatou que o preconceito aumenta em função de casos de pedofilia envolvendo profissionais do gênero masculino, o que na sua visão contribui para o aumento do preconceito:

Sim, primordialmente no caso de professores homens. Ainda existe certo preconceito por conta do índice de casos de pedofilia e abusos sexuais por parte de alguns profissionais do sexo masculino, que acabam colaborando para que o preconceito só aumente (Egresso 02).

Conforme se observa, os problemas sociais relacionados à pedofilia acabam contribuindo para o receio das famílias em relação à docência masculina na Educação Infantil, aspecto que não se deve ignorar, contudo, buscar o diálogo que aproxime as famílias da escola representa um caminho para tratar a questão e pela busca para que o foco de avaliação da docência se dê no campo profissional.

A dificuldade de inserção profissional em escola particular foi destacada por um egresso e se observa que, embora tenha conseguido ingressar nessa área no setor público por concurso, a aceitação das famílias também foi pontuada em seu relato.

Fiz alguns processos seletivos na rede privada, mas nunca fui chamado. Fui aprovado em concurso público, mas os familiares dos discentes preferiam a professora antiga. Os pais tiveram que se conscientizar que eu era o professor concursado (Egresso 12).

Um egresso que atua como coordenador pedagógico em uma escola particular comentou que, embora tenha tido problemas em sua inserção, os mesmos foram superados e que considera que não sofrerá o mesmo problema. Um egresso relatou que sua dificuldade de inserção se relacionou à prática pedagógica, distanciando-se do conjunto de respostas relacionadas às questões de gênero, sendo este seu comentário:

Sim. Não consigo estabelecer uma prática que possa dar conta do grande quantitativo de alunos que possuo na minha turma, 36, considerando seus diferentes graus de desenvolvimento e desempenho, além de outros fatores que limitam minha atuação de maneira mais organizada e objetiva (Egresso 11).

Nota-se que as dificuldades no campo da prática pedagógica são iguais para docentes homens e mulheres. Observa-se, ainda, que houve respostas também daqueles que não atuam. Eles se referiram a esse item informando que não tentaram a inserção profissional (03), pois consideram que a preferência é pelas mulheres. Outros 03 (três) egressos responderam o item apenas trouxeram reflexões sobre a sua relação no estágio ou comentários mais amplos, sem, contudo, informar se houve dificuldade de inserção; e um (01) não respondeu.

Embora as crianças gostem muito dos professores homens, pela questão afetiva e de segurança que proporcionam, não acredito que seja fácil a inserção profissional de homens na Educação Infantil. Não sei se seria aceito em um processo seletivo para professor, não cheguei a tentar. Mas acredito que, se fossem escolher entre eu e uma professora mulher, optariam por uma professora mulher (Egresso 05).

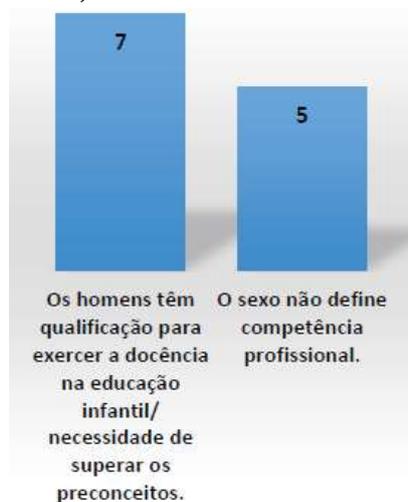
As respostas dos egressos do curso de Pedagogia convergem para o fato de que tiveram dificuldade na inserção no campo profissional, fazendo com que muitos nem tentem, em função da cultura construída, a qual mescla preconceito, desconfiança e reforça a naturalização do papel profissional feminino.

Monteiro (2014, p. 117), em sua dissertação de mestrado, ponderou que os estudos acerca das relações de gênero na Educação, sobretudo “[...] da construção social das masculinidades, se mostra necessário nos cursos de formação inicial em Pedagogia, nos quais em geral a temática gênero não vem sendo abordada de maneira a questionar concepções estabelecidas socialmente”. Assim, é fundamental que estudos científicos sejam inseridos – cada vez mais – na formação docente, de modo a contribuir na minimização de concepções preconceituosas ou polarizadas do fazer pedagógico, ressaltando que o ambiente educacional pode ser composto por homens e mulheres.

Opinião dos egressos sobre a atuação masculina na docência da Educação Infantil

Para concluir o conjunto de questões feitas aos egressos, perguntamos a opinião dos mesmos sobre a atuação masculina na docência da Educação Infantil. As mesmas foram organizadas em dois blocos de respostas, conforme gráfico 05.

Gráfico 05. Opinião dos egressos sobre a atuação masculina na docência da Educação Infantil.



Fonte: Resultados da Pesquisa.

O primeiro bloco de respostas apresenta a síntese da opinião de 07 (sete) egressos, que foram unânimes em afirmar que os professores têm qualificação para atuar na Educação Infantil e complementam suas respostas apontando a necessidade de superação do preconceito em torno da docência masculina.

Julgo necessário, visto que o mundo vem passando por diversas mudanças que estão rompendo velhos preconceitos, que estabelecem o que é papel do homem e da mulher. Além disso, para atuação no ramo da educação, acredito e defendo a ideia de que todos os níveis e modalidades de ensino devam ser experimentados pelos docentes (Egresso 11).

Outro egresso comenta:

Eu vejo como importante a participação dos homens não apenas na docência em Educação Infantil, mas ocupando os espaços dos cursos de formação de professores e atuando em todas

as etapas da Educação Básica. Mas vejo como desafio a sociedade compreender que o magistério não tem gênero, que qualquer professor, desde que possua formação, pode assumir uma turma. (Egresso 05).

Embora se observe que os egressos, em sua maioria não estejam atuando como docentes nessa etapa da Educação Básica, os mesmos acreditam que podem atuar, mas que as barreiras do preconceito devem ser superadas. O egresso 07 comenta que “[...] a atuação masculina dentro desse espaço é quase zero, temos as mesmas capacidades técnicas do sexo feminino, porém é difícil para um professor do sexo masculino atuar nessa área tendo em vista a não aceitação da sociedade (pais de alunos)”. Nessa mesma direção, o segundo bloco de resposta, que contempla a opinião de 05 (cinco) egressos, reflete que não é o gênero que define a competência profissional e, nesse sentido, também se articula com as respostas que foram agrupadas no primeiro bloco de resposta, que destaca que os homens possuem qualificação profissional para atuação na docência da Educação Infantil.

A capacidade do ser humano jamais poderá ser medida pelo sexo. Homens também são extremamente capazes de atuar na Educação Infantil. O preconceito muitas vezes já começa dentro da própria instituição, pois por se tratar do único homem nessa turma de estágio, a própria orientadora relatou que ficou extremamente surpresa com o domínio na sala de aula frente aos alunos (crianças) (Egresso 06).

A opinião de outro egresso corrobora esse pensamento e articula as discussões em torno da dimensão da competência profissional, independente do gênero.

Vejo que a atuação na Educação Infantil independe do docente ser do sexo masculino ou feminino. A Educação Infantil necessita de profissionais capacitados e comprometidos, que possam contribuir para o pleno desenvolvimento da criança. (Egresso 08).

As opiniões relatadas pelos egressos consideram que os homens podem fazer ótimos trabalhos e serem ótimos profissionais, cuidando, educando e participando da formação das crianças. Assim como as mulheres, eles podem atuar na Educação Infantil, uma vez que foram preparados e habilitados durante sua formação no curso de Licenciatura em Pedagogia. A avaliação de sua atuação deve ser feita em função do trabalho realizado e não pelo fato de ser do gênero masculino.

Nessa direção, amparados em Monteiro (2014, p. 118), torna-se basilar proporcionar aos alunos uma formação que envolva a “[...] diversidade e a equidade de gênero na escola, [de modo a] refletir e iniciar ações que possibilitem também a equidade de gênero na profissão docente e, por extensão, na própria sociedade”. Portanto, esse trabalho pela busca da equidade de gênero e a diminuição de preconceitos e discriminação deve ser pauta recorrente no processo formativo, iniciando na Educação Infantil e se estendendo às etapas posteriores.

Tecendo algumas considerações

De acordo com pesquisas bibliográficas e documentais relacionadas ao objetivo de conhecer os desafios e a possibilidade de atuação do pedagogo na docência da Educação Infantil e por meio dos relatos dos egressos, que foram bastante significativos, pudemos constatar que ainda são grandes as dificuldades na atuação de homens na Educação Infantil. Trata-se de um campo profissional dominado pelas mulheres, em um processo social que naturaliza a profissão docente nessa etapa como restrita ao campo feminino. A busca para desatrelar a ideia de que somente as mulheres podem executar um trabalho de excelência

nessa etapa tem sido uma batalha por parte de alguns/algumas autores/as, já que a LBDEN (9.394/1996) (BRASIL, 1996) não impõe nada relacionado a gênero e o que deve ser levado em consideração é o trabalho profissional.

É fundamental, conforme aponta Silva (2014a, p. 190), “[...] pensar uma formação permanente sobre as relações de gênero, formação esta realizada para e pelos/as docentes da educação infantil, tendo como fundamento as relações entre os meninos pequenos e as meninas pequenas e a produção das culturas infantis”. O silenciamento sobre as questões de gênero na Educação acaba por invisibilizar tais discussões, de modo a não contribuir para o avanço de ações que possam, inclusive, colocar em pauta a docência masculina na primeira etapa da Educação Básica.

Para além do tema “docentes masculinos na Educação Infantil”, aproveitamos para inferir que as discussões e práticas que envolvem gênero na Educação acabam por contribuir em uma formação mais crítica, de modo que os/as alunos/as adquiram conhecimento sobre seus corpos, sobre as relações interpessoais, acerca do não preconceito e o respeito às diferenças (OLIVEIRA, PEIXOTO, MAIO, 2018).

Em continuidade ao tema central deste trabalho, afastar os homens da sala de aula e os destinar apenas à área da gestão escolar, muitas vezes, está diretamente ligado à ideia de que os homens desempenham melhor os cargos de chefia e não poderiam fazer um bom trabalho na docência com crianças pequenas. Além desse direcionamento ser um equívoco, a maioria dos docentes entrevistados mencionaram gostar do trabalho de professor, junto ao gosto pelo desempenho de atividades com crianças, o que também ficou evidente na pesquisa de Rabelo (2008).

Na mesma proporção dos resultados obtidos aqui, Xavier e Almeida (2016, p. 119) enfatizam que os homens vêm adentrando o universo da Educação Infantil, que é permeado por características associadas “[...] ao feminino com o desafio de conquistar seus espaços como profissionais que também possuem conhecimentos pedagógicos específicos para a atuação na Docência infantil”. As autoras ainda afirmam que “[...] neste contexto, os homens encontram grandes dificuldades de inclusão e permanência na área”. Fica evidente que as várias pesquisas chegam à conclusão de que os homens têm encontrado dificuldade muito grande para o ingresso na atuação da Educação Infantil e, quando o fazem, corriqueiramente têm sua sexualidade colocada em xeque (RABELO, 2008; 2012; ARAÚJO; HAMMES, 2012; ARAÚJO, 2015; SAYÃO, 2005).

Observamos também com a pesquisa que há reconhecimento por parte dos egressos do papel dos homens na Educação Infantil, porém, devido à falta de oportunidades, com forte predomínio do preconceito, a atuação profissional dos mesmos é mínima. Mesmo não havendo leis específicas que garantam que apenas as mulheres tenham prioridade em lecionar na Educação Infantil, nos processos seletivos se observa a preferência por elas.

Somente no estágio curricular obrigatório, os egressos, em sua maioria, conseguiram ter contato com a Educação Infantil. Tal aspecto indica a necessidade de um trabalho de conscientização, tanto na sociedade, mas também no curso de Pedagogia, visando, dentre outros fatores, que se evite a desistência do curso em função dos estudantes verem seu campo profissional limitado.

A pesquisa apontou, portanto, que é preciso criar políticas públicas para fomentar a equidade de gênero na docência na Educação Infantil; fazer trabalhos de reflexão desde o momento em que estudantes ingressam no curso; criar uma maneira para que as escolas e suas comunidades vejam que os conhecimentos

adquiridos no decorrer da formação são os mesmos para homens e mulheres e, assim, elevar o número de homens que busquem o curso de Pedagogia para sua futura profissão e aumentar o número de docentes atuando na Educação Infantil na cidade de Manaus. No conjunto das estratégias para a superação do preconceito é importante a realização de pesquisas voltadas para a discussão da questão de gênero na profissão docente, assim como a socialização das experiências de trabalhos desenvolvidos por homens, para que se vislumbre o caminho das possibilidades na ação da docência masculina na Educação Infantil.

Referências

- ARAÚJO, M.P.; HAMMES, C.C. A androfobia na educação infantil. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 3, n. 7, p. 05-20, 2012.
- ARAÚJO, Suzana Medeiros Diniz. **A docência masculina**: estado da arte e a realidade do DF. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). 68 fls. UNB, Brasília, 2015.
- BRASIL. **Lei nº. 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 01**, de 15 maio de 2006, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 05**, de 17 dezembro de 2009, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.
- CARVALHO, A. M. O. **Vozes masculinas no cotidiano escolar**: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz. Dissertação (Mestrado em Educação). 148 fls. UNESP/Araraquara, São Paulo, 2015.
- CASTRO, Fernanda Francielle. **O giz cor-de-rosa e as questões de gênero**: Os desafios de professores frente à feminização do magistério. Dissertação (Mestrado em Educação). 132 fls. Metodista, São Bernardo do Campo/São Paulo, 2014.
- FERREIRA, José Luiz. **Homens ensinando crianças**: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na escola rural. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- GOMIDES, Wagner Luiz Tavares. **Transitando na fronteira**: a inserção de homens na docência da Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). 79 fls. UFV, Viçosa/MG, 2014.
- INEP. **Censo Escolar**: Sinopse estatística da educação básica 2018 [online]. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: <<http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 09-27.
- MONTEIRO, Mariana Kubilius. **Trajetórias na docência**: professores homens na Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação Física). 152fls. Universidade Estadual de Campinas, 2014.
- MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Homens na Educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo/SP, v. 44, n. 153, p. 720-741, jul./set., 2014.
- MORENO, Rodrigo Ruan Merat. **Professores homens na Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro**: vozes, experiências, memórias e histórias. Dissertação (Mestrado em Educação). 154 fls. PUC/Rio, Rio de Janeiro, 2017.

- NUNES, Patrícia Gouvêa. **Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)**. Dissertação (Mestrado em Educação). 126 fls. PUC/Goiânia, GO, 2013.
- OLIVEIRA, Márcio de; PEIXOTO, Reginaldo; MAIO, Eliane Rose. A Educação enquanto promotora de uma cultura de paz: o foco nas questões de gênero e sexualidade. **Revista Amazônica**, Manaus, v. 03, n. 02, pp. 27-39, 2018.
- POOVEY, Mary. Feminism and deconstruction. **Feminist studies**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 51-65, 1988.
- RABELO, Amanda Oliveira. **A figura masculina na docência do ensino primário** – um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas “primárias” do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. 561 fls. Tese (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade de Aveiro, 2008.
- RABELO, Amanda Oliveira. Escolas de formação de professores/as no Brasil e em Portugal e a feminização do magistério. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas/SP, n. 46, p. 24-45, jun., 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640070/7629>>. Acesso em: 22 de jul. de 2020.
- RABELO, Amanda Oliveira. Formação dos docentes e a feminização nas instituições de formação docente no Brasil – história e atualidade. **Revista de Estudios y Experiencias en Educación**, [s.l.], v. 17, n. 35, p. 133-152, dez., 2018.
- SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: Um estudo de professores em creche**. Tese (Doutorado em Educação). 274 fls. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças pequenas**. G.T Educação das crianças de 0 a 6 anos - G.T. 07. Santa Catarina: UFSC, 2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6740846/O-PapelPositivo-Do-Homem-Na-Educacao-Das-Criancas>>. Acesso: 22 de nov. de 2017.
- SILVA, Peterson Rigato da. **Não sou tio, nem pai, sou professor!** A docência masculina na Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). 222 fls. Universidade Estadual de Campinas, 2014a.
- SILVA, C. R. **Docência masculina na educação infantil: impressões de um iniciante** - Gênero e raça em discussão. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014b.
- SILVA, Bruno Leonardo Bezerra. **A presença de homens docentes na Educação Infantil: lugares (des) ocupados**. Dissertação (Mestrado em Educação). 108 fls. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- SOUSA, José Edilmar. **“Por um acaso existem homens professores de Educação Infantil?”: Um estudo de casos múltiplos em representações sociais**. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). 207 fls. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica**. Moderna, 2019. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf>. Acesso em: 01 de ago. de 2019.
- XAVIER, Nubea Rodrigues; ALMEIDA, Bianca Camacho de. Homens na Educação Infantil: reflexões acerca da docência masculina. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados, v. 04, n. 07, pp. 109-120, jan./jun., 2016.